**QUILOMBO: UMA TRAJETÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS**

*Thiago Alves de Oliveira[[1]](#footnote-1)*

Graduado em Pedagogia UERN/CAP, E-mail: [thiagouzlger@gmail.com](mailto:thiagouzlger@gmail.com)

*José Raul de Sousa[[2]](#footnote-2)*

*Mestrando em Ensino PPGE/UERN/CAMEAM,* E-mail: [raul\_sousa11@hotmail.com](mailto:raul_sousa11@hotmail.com)

*Renata Paiva de Freitas[[3]](#footnote-3)*

*Mestranda em Ensino PPGE/UERN/CAMEAM,* , e-mail: [renatapedagoga06@gmail.com](mailto:renatapedagoga06@gmail.com)

*Vinícius Batista Vieira[[4]](#footnote-4)*

Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Química IFRN.

E-mail: [vinicius\_batista12@live.com](mailto:vinicius_batista12@live.com)

**RESUMO**

Este artigo tem como objetivo refletir e apresentar a trajetória dos quilombolas frente a educação passada e atual, buscando reflexões sobre a questão racial dentro da comunidade quilombola da cidade de Portalegre - RN. Para isso, escolheu-se três pessoas da referida comunidade, sendo referenciada aquelas que foram de encontro o nosso estudo. A Pesquisa respalda-se em autores como Aladrén (2012), Costa (2008), Fausto (2006) dentre outros. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, embasada em alguns estudos teóricos sobre o tema em questão. Os dados desse estudo foram gerados através de questionários. A realidade investigada nos possibilitou entender que apesar dos avanços quanto à conscientização e políticas na educação, ainda há um preconceito/racismo velado para com pessoas negras. No que diz respeito a escola de hoje é considerada importante e passou por diversas melhorias para o contexto vivenciado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Negro. Preconceito.

**INTRODUÇÃO**

O presente trabalho busca analisar a educação como um processo formativo e de importância no combate ao racismo. A pesquisa se deu especificamente em uma das comunidades quilombolas denominada Arrojado, na cidade de Portalegre/RN. A comunidade possui um resgaste histórico dos seus antepassados, fortemente com traços ligados as tradições e as culturas existentes desde o início de formação da comunidade, como a dança de São Gonçalo que é ofertada ao Santo São Gonçalo e sendo repassada de pais para filhos e com isso a cultura permanece e se caracteriza como um aspecto principal na vida e memórias dos quilombolas.

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o racismo na educação, buscando reflexões sobre a questão racial dentro da comunidade quilombola ou até mesmo com memórias da vida e retratos escolares dessas pessoas. A importância de recordar as memórias e histórias vivenciadas no decorrer da vida são fundamentais para entender e fazer um resgaste do racismo nas décadas passadas e como ele ocorre nos dias atuais.

**PROBLEMA DE PESQUISA**

Os debates acerca do processo educacional ao longo dos anos é sempre uma temática em evidência, já que seu espaço de discussões pecorre os muros escolares em um incompleto acerto. Sabe-se que há muito para se fazer na educação, no que diz respeito a propostas que viabilizem melhorias circunstânciais.

A pesquisa aqui requer uma posição sobre a escola de antes e atual, focalizando no contexto quilombola. É uma proposta audaciosa, mas subtancial para o entendimento da situação de um povo marcado por seu passado opressor.

Ver-se que a educação é a única ferramenta que tem como libertar pessoas das amarras dos opressores burgueses. É a saída que o povo pode encontrar para não permanecer aprisionado nas grades da ignorância. É preciso ter a excelência do pensamento de Freire.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo -se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 2000, p. 46).

E, assim, com esta visão futurista, Freire tinha consigo o entusiasmo de uma educação que transforma. Ignorava o contentamento das migalhas com que os opressores podiam segurar os oprimidos. Via nas suas suaves palavras uma sociedade que pudesse andar com seus próprios pés, e não conduzidos por outros.

**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS ADOTADOS**

Segundo Oliveira (2007) a pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos de domínio cientifico tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Pode-se afirmar que grande parte de estudos exploratórios fazem parte desse tipo de pesquisa e apresentam como principal vantagem um estudo direto em fontes cientificas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica.

A pesquisa qualitativa é utilizada com o método de aplicação de questionário com perguntas objetivas sobre a temática em discussão para análise de dados. Para Oliveira (2007) o questionário pode ser definido como uma técnica para obtenção de informações sobre sentimentos, crenças, expectativas, situações vivenciadas e sobre todo e qualquer dado que o pesquisador (a) deseja registrar para atender os objetivos de seu estudo.

O questionário aplicado é composto com três questões objetivas, detalhadas e de fácil compreensão para os sujeitos da pesquisa. Os sujeitos escolhidos na pesquisa são pais de alunos e pessoas idosas da comunidade quilombola.

**DISCUSSÃO TEÓRICA**

A escravidão no Brasil ocorreu de maneira massiva e processual, no tocante ao que se sabe da quantidade de pessoas negras que vieram servir (escravizado) ao Império português. Uma campanha que culminou em atos cruéis e desumanos para com os africanos. Um longo período que começou no final do século XV, e pendurou-se até meados do século XIX.

Durante todo esse período, o momento escravista teve seus vários fatos, em que o negro além de se sujeitar o trabalho pesado, ainda tinha que seguir preceitos que feriam sua integridade, tanto física, quanto moral. Ocasiões duras, deixando de lado o que se podia chamar de “humanidade”. Assim sendo, o processo escravista no Brasil inteiramente complexo, em longas reviravoltas, discussões, mortes, lutas etc.

**REMANESCENTES DO TRÁFICO AFRICANO**

Tráfico negreiro foi vista de diferentes concepções, e uma que se pode perceber é que a escravidão, de certo modo, foi “vantajosa” em si como segmento dentro do Império Português. Por exemplo: propiciou a construção da comunidade Negra e beneficiou o próprio catolicismo. Como bem diz Mattos apud ALADRÉN (2012, p.15), “[...] a existência prévia da instituição da escravidão no Império português foi fundamental para a constituição de uma sociedade escravista e católica no Brasil”.

Uma visão um tanto singular, mas ponderada como sendo um marco positivo dentro das barbáries que se adentrou. Contudo, Aladrén (2012, p. 15) reitera: “a política e a sociedade portuguesas na Idade Moderna eram concebidas a partir de uma visão corporativa. A sociedade era pensada como um corpo naturalmente ordenado e hierarquizado por vontade divina [...]”. Ou seja, quase tudo seguia ao passo que a igreja católica propunha. Para Costa (2008, p.03), “é importante frisarmos que na América Portuguesa amalgamaram-se os interesses da Igreja Católica e da Coroa, numa união indissolúvel que marcou todo o período colonial”.

As condições dos escravos eram duras, e cerca de 12,5 milhões de africanos foram trazidos de seu continente natal para trabalhar como escravos em várias partes do mundo. Um pouco menos que 11 milhões foram destinados para as Américas, e desses 40% foram para o Brasil. E, no entanto, a parte mais lamentável é que os próprios africanos se aproveitaram da classe pobre, e os transformavam em escravos. Visto que, foi também uma causa de dualidades, assim como Aladrén (2012, p. 17) pontua:

Isso porque mesmo antes da chegada da chegada dos europeus já existia a prática da escravidão e o comercio de escravos da África. E os traficantes estrangeiros utilizavam essa estrutura para estabelecer seu novo comércio. Algumas elites militares e políticas africanas se beneficiaram desse contato com os europeus e os ajudaram na tarefa, aprisionando parcelas da população mais pobre, desprotegida ou que pertencia a grupos rivais aos seus.

O tráfico escravo foi uma campanha parcelada de vários fatores. Como qualquer questão social e econômica, partiu dos interesses individuais e coletivos de ambos os lados, europeu e africano. Deste manter a hegemonia e também comercial, e daquele consolidar um comércio que o renderia muito pelas próximas décadas. Assim, todos sairiam ganhando na história. Mas, infelizmente se sabe que a escravidão nas Américas começou a partir dos índios. Algo que não se sustentou devido outras motivações e situações.

Considera que o tráfico atlântico se tornou um eixo da acumulação mercantilista europeia. Assim, os interesses metropolitanos no tráfico teriam sido fundamentais para substituição da mão de obra indígena pela africana, enquanto a escravização de indígenas seria uma atividade pouco controlada pela coroa portuguesa. (NOVAIS, *apud* ALADRÉN 2012, p.18).

Percebe-se, então que, mesmo que os índios estivessem disponíveis para as formas de escravidão, eles não foram a melhor opção para se manter nos trabalhos pesados. É trivial, porém, verificar que os indígenas resistiam bastante aos serviços lhes impostos, sendo uma forma de se pensar em uma mão de obra segundaria. Portanto, “os índios resistiram às várias formas de sujeição, pela guerra, pela fuga, pela recusa ao trabalho compulsório” (FAUSTO, 2006, p.50).

De qualquer forma a medida em que a população nativa declinava no litoral, crescia sensivelmente a escravidão africana. E quanto mais se aprofundava o debate sobre a questão indígena, mais se afirmava na consciência social, sobretudo os jesuítas, a associação entre escravidão e africanos (VAINFAS, 1986, p. 80).

Disso, entende-se que a ocorrência de vários fatores, provocaram esse “salto” da escravidão indígena para a africana. Em um momento quase que extemporâneo, os Jesuítas queriam os índios como simpatizantes. “Ser ‘bom cristão’ significava também adquirir os hábitos de trabalho europeus, com que criaria um grupo de cultivadores indígenas flexível as necessidades da colônia” (FAUSTO, 2006).

[...] uma visão mais diversificada para o processo. Para ele, uma combinação de declínio demográfico indígena, mudança nos níveis de oferta e preços dos escravos indígenas e africanos, a percepção, por parte dos senhores, de uma maior produtividade e habilidade dos africanos para realizar tarefas especificas, além da eficiência cada vez maior do tráfico atlântico, explicariam a substituição (SCHWARTZ, *apud* ALADRÉN 2012, p 19).

Assim, tem-se a ideia que a substituição da mão de obra escrava indígena teve as suas várias ramificações e premissas que geraram a sua exclusão dos trabalhos forçados. Um ajuntado de fatores foi sendo construídos em torno da escravidão africana, que acabou estabelecendo que os negros fossem a melhor escolha para as tarefas da colonização. Até por que:

Lembremos também o tratamento que era dado ao negro na legislação. O contraste entre o indígena e o negro é nesse aspecto evidente, estes contavam com leis protetoras contra a escravidão, embora estas fossem pouco aplicadas. O negro escravizado não tinha direitos, mesmo porque era considerado juridicamente uma coisa e não uma pessoa (FAUSTO, 2006, p. 54).

De todo modo, a escravismo provocava a segregação racial. Se por um lado os escravos negros e índios adquiriam Leis protetoras, em contrapartida a isso, fazia-se apenas maquiar uma falsa aquisição de direitos, pelo menos é o que parecia acontecer; já que eram considerados meras “coisas”. Acredita-se que essas ilusões tenham gerado bastante indignações por parte dos negros.

Do século XVI ao XIX, um dos recursos mais radicais de luta contra a escravidão era a fuga do cativeiro. Entretanto, esse tipo de ação podia alterna-se ou combinar-se com estratégias de negociação e conciliação. A avaliação das ocasiões mais propícias para uma ou outra estratégia variou em função do momento, do local e das circunstâncias. De maneira geral, as fugas e os quilombos ocorriam com mais frequência quando os escravos percebiam que os senhores estavam divididos. Outra ocasião propícia era quando os senhores retiravam dos escravos alguns benefícios ou vantagens a que eles estavam acostumados e que entendiam como sendo direitos adquiridos. (PEREIRA, p. 34, 2012).

Como se ver, as várias conjunturas ocorridas no período escravista, mostram o quanto foi complicado para o negro escravo, pois além de suas dificuldades de trabalho braçal e as formas de convívio dentro das senzalas, tinham que passar por todas as mazelas que iam de encontro às suas garantias e direitos, embora não transparecendo os mesmos.

**RACISMO OU SIMPLESMENTE UMA CULTURA ARRAIGADA DO IMPÉRIO PORTUGUÊS?**

É muito emblemático encarar nos dias atuais as questões que circundam a questão racial, ou melhor, os preceitos que envolvem o racismo, o preconceito em si ao negro. Mas, na verdade, do que se trata a questão do racismo? Seria uma cultura arraigada do Império Português, ou simplesmente um estigma criado por militantes que veem o preconceito de maneira às cegas? O que se sabe é que as formas de tratamento aos negros libertos permaneciam vivas, e postergando a segregação deles, como situa Aladrén (2012, p. 30):

[...] assim, continuou-se respeitando critérios que remontavam ao Antigo Regime português, como o efeito mecânico e, ao mesmo tempo, mantinha-se a discriminação por cor, fundamental para as hierarquias de uma sociedade escravista moderna. Com essas características, o termo “pardo” começou a ter um uso generalizado à medida que a população negra e mulata livre crescia nos séculos XVIII e XIX.

Portanto, é notório o quanto o tratamento aos povos negros persistia, mesmo estando é um rumo que abraçava o fim da escravidão. A desumanização era um fator bruto que ancorava nas raízes da sociedade hierarquizada. Diante disso, têm-se fatos como o do Professor Antonio José Rhormens, o qual tinha a responsabilidade da escola do 8º Distrito (Largo do Arouche/SP), no segundo semestre de 1877, e deixando claro a sua personalidade preconceituosa, ao dizer:

“da-se um facto que mais reverte em prejuizo dos bons que em proveito dos maus”. Ali se encontraria uma situação desagradável para ele e para a maioria de seus alunos: certos “negrinhos que por ahi andão, filhos de Africanos Livres que matriculão-se mas não frequentam a escola com assiduidade”, que não sendo interessados em instruir-se, só freqüentariam a escola para deixar “nella os vicios de que se achão contaminados; ensinando aos outros a pratica de actos e usos de expressões abominaveis, que aprendem ahi por essas espeluncas onde vivem” (BARROS, 2005, p.79).

Os fatos mostram como a situação era grave dos negros. Apesar de alguns estarem livres, continuavam reféns da postura grosseira com que eram tratados pela população da hierarquia colonial. A saber, que o peso em suas costas (do negro) era bem maior do que se imagina. Tendo em vista que no processo de transição dos direitos à educação dos negros livres, houve todo um jogo de interesses, segundo retrata Peres (1995, *apud* GONÇALVES, 2011, p. 94),

[...] Na maioria dos casos, tratava-se de iniciativas lideradas por abolicionistas que tinham muito mais o objetivo de minar o sistema escravagista mobilizando setores dos homens negros para sua causa do que um movimento de construção de uma nova imagem dos homens negros brasileiros.

Para Gonçalves (2011, p. 95), “[...] algumas iniciativas governamentais, embora tivessem como objetivo a educação profissional das crianças negras e livres, não foram desenvolvidas conforme se esperava”. E, continua a dizer:

Marcus Vinícius Fonseca (2000), estudando o que teria acontecido com as crianças beneficiadas pela Lei do Ventre Livre, analisou a não resposta dos proprietários dos escravizados aos desígnios da Lei. Não só não encaminharam as crianças às escolas criadas para recebe-las, como muitas as mantiveram em suas propriedades, não mais ilegalmente como escravizadas, mas trabalhadoras subalternas ou em regime de trabalho forçado. (GONÇALVES, 2011, p. 95).

E assim continuava o dilema dos libertos da mão de obra escrava, com seus pseudodireitos, como assim pode-se dizer. Além do mais, quando os negros libertos completavam 21 anos, a única forma de mantê-los em propriedades escravistas era “instruí-los para o trabalho agrícola dando-lhes uma educação moral” (EISENBERG, 1989, p. 174).

Mas, como se pode perceber atualmente, os rumos da educação afro-brasileira e também indígena poderam ser assistida de maneira formal e condizente com o que se esperava, devido os retrocessos, com o que os quais foram vítimas. Por isso, ao ser sancionada a Lei 11.645 de 2008, o olhar educacional criou condições, implicando assim:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008). § 2o Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (Redação dada pela Lei nº 11.645, de 2008).

Uma proposta que garantiu igualdade de direitos entre os povos afro-brasileira e indígena. Mostra a valorização e o reconhecimento desses povos para a cultura brasileira como um marco de que eles não podem ser esquecidos por sua construção social.

**RESULTADOS ALCANÇADOS**

O trabalho teve como caráter fundamental uma pesquisa de campo, em que se buscou através dos entrevistados um aporte, mesmo que de maneira paliativa, respostas que correspondesse como auxílio da temática abordada. Vejamos a seguir perguntas e respostas do entrevistados, os quais nomeia-se entrevistados A, B e C

A primeira pergunta abordada teve como objetivo saber como se deu o processo na educação. E, é claro tendo como entrevistados membros da comunidade quilombola, objeto da pesquisa.

Quadro1. Primeira pergunta aplicada no questionário

|  |  |
| --- | --- |
| COMO ERA A ESCOLA E A EDUCAÇÃO NA SUA ÉPOCA ESTUDANTIL? QUAL A SUA VISÃO DA ESCOLA DE HOJE? | |
| ENTREVISTADO | RESPOSTA |
| A | *Tem muita diferença, porque antigamente, até a merenda era sardinha, carne de jabá, bovina. E hoje em dia, a gente já tem...a merenda é super boa, otíssima qualidade, hoje em dia. Mas, antigamente...escasso. Antigamente quando eu estudava no carro de fulano, pau de arará, a gente levava até chuva. Chegava com os papéis todo molhado. Hoje em dia, o acesso tá melhor. Tem ônibus, e é melhor que assim, às vezes vai criança, possa cair do carro. E assim... já tem mais capacidade de melhora cem por cento.* |
| B | *A gente ia de pés pra escola. Aí os pais da gente comprava aqueles lapinhos de comum, aqueles papel, pra gente escrever. Aí quando era no final da semana, não prestava mais porque já estava cheio. Quando chegava no final de semana, papai tomava a comprar de novo [...]. Hoje em dia, é o dobro. Eles só vão pra as escolas, assim com aquelas bolsas, cheios daqueles livros, cheios daqueles papel. Muito caro, como se diz, né? Que eles não querem esses fracos. Aí essas bolsas é tudo cheio, essas canetas, essas borrachas. Hoje em dia, é uma riqueza pra eles, esses meninos novatos que estão agora na escola. No meu tempo não tinha isso, Na época dos meus meninos, já era nessa que estou falando, eu comprava caderneta de 5 matérias, 4. Aí até que meus filhos aprendeu [...]. Pois era 1º ano, um terminou. Hoje em dia, eles sabem mais do que eu, que estudei em 5 escolas. Apenas sei fazer meu nome.* |
| C | *Às vezes tinha merenda, às vezes não tinha, mas sempre tinha. Já por meio por fim, peguei a colocar meus meninos tudinho, aí já no fim começou a vir merenda [...]. Acho muito bom, já que aprende a saber. A pessoa não pode ser mais analfabeto. Todo mundo precisa hoje em dia é pra saber escrever seu nome, ler e escrever.* |

De acordo com as respostas analisadas pode-se perceber que o entrevistado A mostrou com muita coerência, um ponto de vista bastante pertinente. Primeiro em comparar as situações vivienciadas em épocas passadas. As condições estudantis em nível de locomoção, melhorou significativamente, assim como é retratado a qualidade da merenda escolar dos dias de hoje. No entanto, a escola de hoje passou por mudanças significativas em sua formação e consequentemente oferecendo um ensino de qualidade.

O entrevistado/a B da pesquisa, de início retrata a forma de deslocamento ao acesso da escola. Logo após, é retratado a evidência na qualidade dos materias escolares utilizados antes, e uma caracterização pertinente aos de hoje. A forma de abordar o material é significativa, trazendo-nos um respaldo e satisfação na educação ofertada aos remanescentes de quilombolas. Apesar do/a entrevistado/a ter estudado em cinco escolas, conseguiu pelo menos aprender a escrever seu proprio nome.

O entrevistado/a C, não mostra com exatidão, e acaba se contradizendo em relação a forma da merenda escolar e não demostra o que melhorou ou não das escolas de hoje, mostrando apenas a importância educacional na vida de quem é letrado, ou alfabetizado.

Nas análises das respostas, de forma geral percebe-se que os entrevistados possuem idades e épocas escolares diferentes, assim retratando aspectos sociais conforme sua época de vida. As melhorias na educação e escola foram evidenciadas de forma positiva. As escolas de hoje possuem caracteristicas diferenciadas, principalmente na merenda escolar, o acesso a escola e as visões das escolas de hoje. Portanto, diante dos fatos, a escola de hoje é considerada importante e passou por diversas melhorias para o contexto vivenciado.

Quadro 2. Segunda pergunta aplicada no questionário

|  |  |
| --- | --- |
| DURANTE SUA VIDA ESCOLAR, VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE PRECONCEITO? EXPLIQUE. | |
| ENTREVISTADO | RESPOSTA |
| A | *Eu acho que sim, mas assim por que eu era pré-adolescente. Eu não tou lembrando, mas acho que sim. Hoje em dia, ainda tem preconceito, mas assim, de uns anos pra cá melhorou muito as oportunidades, porque assim antigamente, o negro se fosse pro banco, o povo cubava do pé a cabeça. Hoje, eu posso chegar no banco, eu posso ir a Pau dos ferros, qualquer lotérica, eu sou bem recebida. Já viajei o Estado de Alagoas. Onde a gente chega, é abraçada. É tão bom. Hoje em dia, é...ser Quilombola. Hoje em dia, a pessoa tem assim mais valor, tá entendendo?* |
| B | *Não, graças a Deus, não.* |
| C | *Passei...passei assim por que, eu estudava de noite. Eu ia pra estudar, era longe [...]. Quando foi do meio por fim, eu fui pro Pêga, casei, fui morar no Pêga. Quando cheguei no Pêga, foi muito mais pior, que era mais longe que o que era [...].* |

O segundo quesito que se procurou saber foi justamente a questão sobre o preconceito como está sendo abordado. Percebendo que, fatores desse tipo podem de alguma forma inibir o progresso educacional.

A resposta do entrevistado/a A, conseguiu identificar o preconceito existente antes, percebendo que hoje não se tem com tanta evidência, que o racismo não acontece frequente como era antes. As oportunidades são evidenciadas pelo contexto da fala da entrevistado/a, primordialmente nas formas de acesso aos espaços públicos tomando como exemplo: “o banco”. A forma de olhar os negros, retratando sua satisfação em ter origem negra quilombola e afirmando que atualmente os negros ganharam espaço, e com isso possuem mais valor na sociedade.

O entrevistado/a B afirma que nunca sofreu preconceito no decorrer da história de vida, possivelmente por falta de informações, não conseguiu ter uma clareza se já sofreu preconceito na sua época escolar.

O entrevistado/a C, percebe-se que, não deve ter compreendido o que seja preconceito, mas foca na dificuldade que teve para estudar, com resquício pela falta de estímulo, incentivo e economica, principalmente pela dificuldade na locomoção até à escola.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No deccorrer do trabalho o foco foi justamente discorrer sobre a questão escravista e a inserção do negro no ambiente escolar. Como se pôde perceber, o negro escravo passou deveras situações, de ordem opressora, moral, física etc.

Como foi descrito na pesquisa, as situações enfrentadas não foram nada fáceis para o negro escravo, que foi obrigado a trabalhar forçadamente pelos portugueses. O qual aos poucos vai conseguindo alguns direitos e garantias, embora que minimamente.

Para levantar as informações adquiridas, foi realizado uma pesquisa acerca do momento escravista, a questão do preconceito e suas vertentes e os dados da entrevista. Uma formulação que gerou todo o conjunto aqui apresentado.

Além do que, positivamente, os entrevistados quilombolas pontuaram que a educação melhorou expontencialmente para seus filhos. E, Assim, espera-se que este trabalho possa contribuir em estudos posteriores.

**REFERÊNCIAS**

ALADRÈN, Gabriel. O tráfico de escravos e a escravidão na América portuguesa. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (Org). **O negro no Brasil**: trajetórias e lutas em dez aulas de história. -1ª Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 23m.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Escravidão e alforria na América portuguesa. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (Org). **O negro no Brasil**: trajetórias e lutas em dez aulas de história. -1ª Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 23m.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de. Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo, entre o final do século XIX e início do XX. In: ROMÃO, Jeruse. **História da educação do negro e outras histórias**. Brasília: ME, 2005. P.

COSTA, Robson Pedrosa. **As ordens religiosas e a escravidão negra no Brasil**. ANAIS DO II ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em: www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais. Acesso em 22/09/2018.

BRASIL. **Lei 11.645 de 10 Março de 2008**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em 15/10/2018.

EISENBERG, Peter. **Homens esquecidos**: escravos e trabalhadores livres no Brasil – séculos XVIII e XIX. Campinas: UNICAMP, 1989.

FAUSTO; Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Freire, P. **Educação como prática de liberdade**: a sociedade brasileira em transição (24a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra (2000). Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt. Acesso em 15/10/2018.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. Pensar a educação, pensar o racismo no Brasil. In: FONSECA, Marcus Vinícius; SILVA, Carolina Mostaro Neves da; FERNANDES, Alexsandra Borges (Orgs). **Relações étnicos-raciais e educação no Brasil** – Belo Horizonte: Mazza edições, 2011.

PEREIRA, Matheus Serva. Quilombos e fugas. In: DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (Org). **O negro no Brasil**: trajetórias e lutas em dez aulas de história. -1ª Ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. 23m.

VAINFAS, Ronaldo. **Ideologia e escravidão**: os letrados e a sociedade escravista no Brasil colonial. Petrópolis: Vozes, 1986.

1. Graduado em Pedagogia UERN/CAP, Professor do Ensino Fundamental na Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, Portalegre/RN, e-mail: [thiagouzlger@gmail.com](mailto:thiagouzlger@gmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Graduado em Pedagogia UERN/CAMEAM, Mestrando em Ensino – PPGE/UERN/CAMEAM, E-mail: [raul\_sousa11@hotmail.com](mailto:raul_sousa11@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. Graduada em Pedagogia e mestranda em Ensino PPGE/CAMEAM/UERN, Gestora na Escola do Ensino Fundamental, Escola Municipal Manoel Joaquim de Sá, Portalegre/RN, e-mail: [renatapedagoga06@gmail.com](mailto:renatapedagoga06@gmail.com) [↑](#footnote-ref-3)
4. Graduando do Curso de Licenciatura Plena em Química IFRN. e-mail: [vinicius\_batista12@live.com](mailto:vinicius_batista12@live.com) [↑](#footnote-ref-4)